

# A LUZ DO CAIXEIRO

REVISTA MENSAL DE CAIXEIROS, DOCTRINARIA, LITTERARIA E DE CRITICA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Séde da Associação dos Empregados do Commercio



EDITOR RESPONSÁVEL

Fernando Monteiro

*Collaboradores:* — Alberto Guimarães, Alexandre Teixeira Pinto, Annibal Martins, Armando Almendra, Francisco Costa, Francisco Guimarães, Jacques Nunes, Maria Prado, Raul Guimarães, e outros.

Typographia Minerva—Famalicão

**SUMMARIO:** — Chronica, *J. F.* — Joaquim José d'Araujo, *F. G.* — O homem caixeiro, *Maria Pardo.* — Extractos e Pensamentos. — A fallencia de um argumento, *Lucio Pinto.* — Adeus final (versos), *Jodo de Deus.* — Primeiras linhas, *Alexandre.* — Duas palavras, *A. G.* — Orações do Amor (versos), *Antonio Fogaca.* — Asylo da Escola Agricola. — Esclarecendo. — Descanso semanal. — Considerações, *A. A.* — Espediente.

## Chronica

### ARCHIVO DO MOVIMENTO CAIXEIRAL

**E**STÁ resolvido satisfactoriamente um dos problemas que mais interessaram a classe durante estes ultimos vinte annos decorridos — o projecto de lei sobre o descanso semanal. Não pôde ser apreciada devidamente essa lei sem estar em execução. Por emquanto vamos, pois, entretendo a imaginação sobre trabalhos futuros, que é necessario iniciar, e que são tão imprescindiveis como a lei que agora acaba de ser approvada no parlamento nacional. Não terminou a lucta. De novo temos que embrenharmos em trabalhos de mais largo alcance social. Impõe-se a necessidade de reorganisar o nosso mau estado colectivo; de fundar associações e grupos de caixeiros nas terras onde actualmente não existem; regularisar convencionalmente e por meio de propaganda activa, o ingresso de marçanos e empregados engravatados externos, nos estabelecimentos commerciaes; dar ás associações de classe e grupos legalmente constituídos, a facultade de resolver litigios, embora por meios suasorios, entre patrões e caixeiros; acabar, finalmente, adoptando

qualquer processo viavel e pratico, com o pessimo systema perfilhado por diversas firmas commerciaes, especialmente nas provincias, de negarem ao pessoal o conhecimento do ordenado que lhe destinam. Ha uma grande série de medidas uteis que é urgente resolver. Não devemos ficar entoando louvores á regalia adquirida, nem nos deixar dominar pela indolencia physica ou inercia mental. O primeiro passo está dado; e, tomado o primeiro reducto, não será difficil continuar a marcha, seguindo audaciosamente. Está provado que sem manifestarmos opiniões politicas e sem organizar mesmo um recenseamento eleitoral meticuloso, que nos faculte o direito de voto, nada se conseguirá sem infinitos sacrificios e humilhações que não dignificam o nosso brio de homens. Da situação actual podemos colhêr optimos fructos. Dividida a politica, como está, em pequenos grupos, degladiando-se e rivalisando na apresentação de projectos de beneficio publico, nós podemos, em vez de implorar humildemente, impôr o nosso valor colectivo, não diremos como uma arma de ameaça, mas como um conjuncto de energias civicas que alguma cousa pezarão na balança da politica interna.

Estranho a todas as facções politicas o nosso jornal indica alvitres mas não aconselha que os nossos prezados leitores e collegas se filiem n'este ou n'aquelle grupo. Para a consummação, porém, das conducentes medidas que precisamos adquirir é preciso que se unam todas as vontades, todas as energias, todos os pensares.

Congressos e representações nada produzem; e nada produzem, infelizmente, porque a nossa classe não tem illustração sufficiente para avaliar e respeitar



XXVI 2V  
X

as conclusões tomadas em uma assembleia magna; as representações tomaram uma feição tão banal e corriqueira, que só concebidas em termos arrogantes e bruscos originariam algum resultado. Quem tomaria, porém, a ousadia de dirigir aos altos poderes do Estado uma representação percebida em phrases arrogantes?

Tem a duração ephemera do viço e frescura das rosas de Malherbe a nossa misera imprensa. Os jornaes da nossa classe extinguem-se com uma frequencias assás eloquente. Já este anno, que ainda principiou ha poucos dias, suspenderam a publicação dois orgãos da classe. Quando escreviamos esta breve chronica chegou-nos ao conhecimento a noticia de que havia suspenso temporariamente (?) a sua publicação o semanario a «Luz do Commercio». Qual seria a origem d'esta suspensão? Para quem pratica n'este genero de trabalhos ingratos e prenhes de difficuldades diversas, a resposta é facil de formular: é a falta de auxilio pecuniario de aquelles que se regosijam com as regalias conseguidas após mil canceiras e sacrificios constantes, de aquelles que, falhos de iniciativas, pobres de energia, só vêem no jornal um reclame de exhibição, um pretexto para demonstrar faculdades balofas e irrisorias.

Este jornal não traz um programma. Um programma é sempre um caminho limitado. Amplas, como a extensão do infinito, são a série de reformas que a nossa revista se propõe advogar: desde a fixação de salario minimo até á mais inconcebivel ideia de protecção ao marçano indefeso; organização de tribunaes de arbitro-avindores; leis de protecção aos empregados no commercio, de todas as cathogorias; medidas, emfim, que alvejam uma conclusão util a favor do caixeiro.

Não é só uma revista «A Luz do Caixeiro»: é uma ideia. Conscientemente, com serenidade, com fé, entramos no mundo jornalístico. Com o mesmo ardor e desinteresse com que pomos a nossa pequena intelligencia ao serviço da Ideia que tentamos realisar, assim a

abandonaremos no dia em que a classe desprezar a boa vontade, a energia e os esforços que hoje constituem a nossa unica bagagem.

F. J.

## Joaquim José d'Araujo

Eu recordo-me de ter lido, ha annos, em uma publicação illustrada do nosso paiz, a biographia de um commerciante modesto, homem que exercera no espirito dos seus conterraneos uma extensa preponderancia e tivera a felicidade de possuir um cerebro sensato e superior.

Começara praticando a acção philanthropica e benevola do seu impoluto caracter por humildes e honestas associações de beneficencia e finára-se, mais tarde, quando cumpria, com o applauso unanime de uma população grata e consciente, um dos mais elevados mandatos civicos que se podem conferir a um cidadão. N'aquelle tempo ainda a palavra gratidão se não tinha eliminado do dictionario, nem o taboleiro impudente da intriga e da calumnia servia para entreter as horas de ocio dos

invejosos, dos inuteis e dos mal intencionados. N'aquelle tempo esqueciam-se puerilidades mesquinhas para só se pensar em glorificar homens dotados de qualidades e virtudes, que beneficiavam aquelles que a má roda da fortuna collocára em posições sociaes inferiores. Era o tempo em que o caixeiro tinha a apparencia de um saloio e os sentimentos ingenuos e purissimos de uma criança. Bom tempo aquelle! Quem me déra retroceder áquellas épocas para ouvir as expressões rudes dos meus extinctos collegas, adivinhar-lhes os pensamentos, commungar com elles nas ideias candidas que os animavam e dizer-lhes com a eloquencia calma d'um apostolo e tendo na voz a inflexão cavernosa das palavras de um propheta:

«Homens, olhae para o futuro; vêde quem vos succede. E' uma legião enorme de vaidosos, que disputam o logar de honra áquelle que incontestavelmente o merece».



Joaquim José d'Araujo

Talvez esses cerebros broncos, que desconheciam os mais rudimentares principios da instrucção, se não admirassem. A ignorancia possui ás vezes dons de elevado valor. Rir-se-iam talvez das minhas prophecias, suppondo-me um sceptico. Amarga realidade a de hoje! A prophecia realison-se, embora ella apparentasse o mais phenomenal absurdo.

Desculpe, o meu presado biographado, a nudez dos meus pensamentos e ideias. O meu orgulho de pobre tem assomos de revolta quando vê a consummação de actos que merecem censuras. Eu admitto a existencia de discolos quando um factio perfeitamente justificavel os origina. Quando são, porém, a vaidade e despeitos banaes que provocam desintelligencias que a todos prejudicam, eu sinto desejos de escarpellisar com um bisturi afiado os cerebros ôcos de quem tão propositadamente tenta demolir principios reconhecidos como uteis, e aniquilar energias que se prestam a colloborar desinteressadamente em obras cuja acção é manifestadamente valorosa. Mas estas considerações estão-se a tornar inopportunas: deixêmol-as para mais tarde, quando os factos realizados tenham eloquencia convincente e positiva.

Joaquim d'Araujo, a quem eu conheço ha poucos annos, merece-me a mais suprema consideração que se pôde dedicar a um homem. Para descrever as suas qualidades moraes é-me desnecessario recorrer a um dictionario de synonymos, onde os adjectivos pomposos resaltam claramente. Em um meio falho de iniciativas, pobre de boas vontades e misero em sentimentos sinceros, vive-se atrophiado, entre um côro de calumnias e um hymno de torpes insinuações. Pois apesar dos defeitos naturaes de uma grande parte dos indigenas, Joaquim de Araujo conta um crescido numero de admiradores e amigos, que lhe prestam a mais ardente estima. Estou certo que se algum dia um desventurado, tremendo de frio, se acercasse de Joaquim d'Araujo pedindo-lhe a bem dita esmola de um agasalho, elle despiria sem reluctancia, movido por um impulso intuitivo, o proprio casaco para suavisar a triste situação do infeliz, que o fitaria ancioso.

Ninguem, ainda, implorou a sua protecção e generosidade que deixasse de ser attendido. Nas collectividades locais Joaquim d'Araujo tem desempenhado cargos de diversas responsabilidades e a sua passagem por essas casas de transcendente utilidade, nunca deixou de manifestar-se magnanimamente, enrique-

cendo-as com os productos da sua inextinguivel energia e da sua acção verdadeiramente philanthropica. Na reconstituição da Associação Commercial, Joaquim d'Araujo desenvolveu, juntamente com outros cavalheiros, uma somma enorme de actividade, concorrendo poderosamente para que essa aggremação ficasse baseada em alicerces solidos, de maneira a evitar que um tresloucado qualquer, amanhã, movido pelas consequencias de uma deficiente educação civica, a extinguisse inconscientemente. Dos contemporaneos, Joaquim d'Araujo é um dos cavalheiros que mais interesse manifesta pelos progressos e prosperidade da Associação dos Empregados no Commercio, talvez o unico, digo-o sem receio de contestação, que põe incondicionalmente todo o seu valor moral ao lado de qualquer iniciativa que tenha por fim engrandecer a collectividade de que elle foi um dos mais fervorosos socios fundadores. Eu conheço ha muito poucos annos Joaquim d'Araujo; e comtudo a impressão que sempre colhi do seu bello espirito é tão manifestamente lisougeira, que não ponho duvida em distinguil-o, entre os melhores caracteres que me teem honrado com a sua apreciada convivença.

O caracter de Joaquim d'Araujo dá a impressão de um magnifico brilhante, olhado com indifferença por se lhe desconhecer o valor. Ha tempos um jornal noticiava que em uma mina os operarios que n'ella trabalhavam, se entretinham a destruir vagarosamente uma pedra rara, de incalculavel valor, que o acaso collocára debaixo das suas implacaveis picaretas. Assim acontece muitas vezes com individualidades, como Joaquim de Araujo, a quem a maioria da grande massa humana deita ao mais completo ostracismo, não chegando a avaliar as apreciaveis facultades moraes que os adornam. Não é a minha apoucada intelligencia bastante esclarecida para retratar fielmente o novo presidente da direcção da Associação dos Empregados no Commercio. Ha n'este singelo artigo, todavia, a impressão sincera da minha mais alta admiração, pelo homem que não recusou o seu auxilio a uma collectividade que elle creou com desvelado interesse, e que o mau criterio de muitos ha-de um dia reduzir á ruina.

F. G.

Nós somos de tal modo construidos, que antes queremos que nos divirtam do que nos instruam.

BORGES CARNEIRO.

## O homem caixeiro

DE todas as classes proletarias que constituem o grande monte humano a que chamam a familia operaria, a classe dos caixeiros é, ainda hoje, a mais subjugada e opprimida por uma immensa série de tyrannias modernas, mais ou menos humilhantes e prejudiciaes, e renunciadoras do atraso vergonhoso em que assentou a sociedade actual. Sacrificada amplamente, não tem ainda, sob todos os aspectos, uma unica regalia, uma só protecção legislativa que a isente da ambição egoista e descommunal de qualquer analphabeto que se lembre de ser commerciante. Por essa nação fóra, como no interior de um paiz inculto e selvagem, o caixeiro tem o valor social de um escravo e a vontade inconsciente de um mentecapto. Paiz de palradores, nação de heroes, berço de genios inconfundiveis, sustenta com galhardia triumphante as theorias repressivas de ha tres seculos e as violencias adoptadas contra os fracos, já usadas como meios legitimos, no periodo terrorista dos tempos barbaros. Confrange a alma analisar a frio, ponderadamente, o viver tumultuoso e inconcebivel de caixeiro. O caixeiro tem uma indole e um temperamento especial que ninguem ainda pôde definir. Carece de um espirito jovial, necessita adoptar uma philosophia que desculpe todas as brutalidades em que lhe martyrisam a existencia e possuir, essencialmente, a paciencia mais complexa, que signifique precisa e inteiramente em termo vago, que nem todos percebem ou comprehendem. Oh! Eu que sou mulher, que nunca neguei o producto da minha limitada intelligencia a favor da realisação de qualquer ideia nobre e humanitaria, sinto uma magua intraduzivel ao pensar agora nos desprotegidos marçanos. O que é um marçano? E' uma machina humana pensante? E' um espirito ambicionario que já concebe uma ideia? E' um corpo com vida, com sentimentos, com desejos são? não é nada d'isso! O marçano é, ao arbitrio do patrão, o mesmo que um soldado de chumbo na mão de uma criança.

Todo o sêr humano tem compensações na vida. Quaes são as do marçano?

E' a aggressão rude e brutal d'um patrão, que não teve uma sufficiente educação civica e intellectiva? Não é!

Quaes são então? São as palavras amigas do primeiro comprador que visita o estabelecimento do patrão e que tem a caridade bastante para o animar com boas palavras ou com benevolos olhares. Que existencia dolorosa!

Os altos magistrados do paiz foram eleitos para proteger e defender os fracos, os humildes e os párias do Destino. As leis de protecção ás mulheres e crianças foram decretadas para têrem execução. Que fazem os magistrados que governam o Estado? Quem cumpre as leis? Em uma sociedade catholica e cheia de vicios as infelicidades alheias não teem acção, nem boa nem má. Assistir á aggressão a uma mulher, a uma criança ou a um animal irracional, dá a mesma impressão de estar a vêr desfazer uma pedra, que ha-de ter utilidade depois de reduzida a mil fragmentos. Os sentimentos da maioria da gente actual estão mortos ou enfermam da falta de rebustez civica. E' por isso que, mais de que nunca, a classe dos caixeiros tem de movimentar vontades, adquirir proselytos que defendam a sua causa, cerebros esclarecidos que escarpellisem com audacia as intelligencias ócas dos detractores e inimigos da Humanidade.

MARIA PRADO.

### Extractos e Pensamentos

O homem (producto do mais culto desenvolvimento que a série animal tem attingido, progressivamente aperfeçoada pela selecção natural) emana do grupo dos mammiferos que mais se lhe approximam em sua organisação: os quadrumanos.

CARLES VOGG.

Se o casamento civil tem algum defeito é em não ser obrigatorio.

EX-PADRE JOÃO BONANÇA.

## A fallencia de um argumento

O argumento retrogrado e reaccionario, perfilhado por muitas pessoas, de que o descanso semanal vem tornar anormal e irregular a existencia do caixeiro, revela, na generalidade, uma falta absoluta de criterio e senso nos cerebros dos que tal argumento proclamam. Falta-lhe, desde a base fraca e periclitante até ao cume oscillante e a desabar, o necessario e imprescindivel elemento logico, que o assente firme e indestructivel. É natural que o argumento se sustente, attendendo ao atraso mental da burguezia da época.

O argumento, porém, defeituoso e illogico, não é filho das gerações actuaes, nem defendido pelas classes mais ou menos cultas do paiz; em eras passadas, quando o progresso geral se resumia á adoração fanatica e fradesicamente absurda de só se pensar na salvação da alma, o argumento tinha já vida e não faltava quem o julgasse inexpugnável e obstaculo irreductivel que tudo venceria. Tem pois, tanta razão de existencia o pobre argumento alludido, como a muralha sombria, disforme, sem esthetica e arte que restringe a construção, sumptuosa e magnificante, dos bellos predios modernos. Para constituir uma sociedade totalmente perfeita, unicamente guiada pelo seu criterio justo, e humana, evitando-a de contacto com concepções erroneas e falhas de verdade, seria preciso crear um mundo novo. O argumento em questão tem direito a possuir adeptos, motivo a ser discutido e pretexto a ser divulgado por os que desconhecem o valor generoso e nobre das ideias scientificas que preoccupam o homem moderno.

\*

Ha vinte annos que a ideia do descanso semanal domina os espiritos de vinte mil homens. Esse pensamento constante e fixo estabeleceu em cada cerebro um programma a realisar. Não é, pois, recebida de improviso, inesperadamente essa lei humana, já adoptada em paizes cultos. Sustentar que ella vem

produzir um descalabro confuso e prejudicial na vida methodica social de uma classe, é um erro manifesto. Uma intelligencia medianamente esclarecida condemna esse argumento famoso como fundo sem alicerces ou apoios que a justifiquem.

Se esse argumento é logico, como devemos encarar a primeira noticia risinha, vinda de subito,—herança ou dadi-va generosa—que alguem teve a ideia de nola vir dar? Nós bem sabemos que todas as beneficentes reformas que interessam as classes opprimidas encontram nas camadas humanas mais privilegiadas um forte e absurdo pensamento de reacção e controversia. Admittimos até em essas, recusas e contestações quando são baseadas em razões accetaveis e dignas de discussão; mas o argumento aqui tratado está fóra d'esse numero, olhando-o como quizerem, sobre qualquer ponto de vista. As pessoas que o expandem, negam-se, todavia, a reconhecer que elle fugiu, espavorido e louco, envergonhado de sua existencia, ao apparecerem-lhe, luminosas e vivas, as theorias recentes sobre o direito humano.

LUCIO PINTO.

## Adeus final

Fique em silencio eterno a minha lira;  
Vae effluvio de Deus! Deus te bem fade!  
N'esta alma em teu logar fica a saudade,  
Se a essencia sobrevive á flor que expira.

Dizer-te adeus não pude; quando ocorre  
Tal voz ao labio, o labio empallidece,  
Como a nota da lira nos fallece  
Ante a lua que cae, e o sol que morre,

Ante o sopro que varre o cedro e o vime,  
Ante o sublime aspecto do oceano,  
Ante a esposa do martyr sobrehumano,  
Ante tudo o que é grande e que é sublime

Embora! quando a lampada crepita,  
Já falta de oleo languida esvoaça;  
A nuvem estala, ruge a onda e passa;  
Guarda silencio a abobada infinita.

JOÃO DE DEUS.

## Primeiras linhas

**A**o apparecer um novo baluarte mais familiar, que o deve ser ao caixeiro portuguez, eu, obscuro e arredado embora, não posso deixar de trazer o meu applauso e os meus votos de longa vida e de efficacia vantajosa.

A classe dos Empregados no Commercio está em uma das suas phases activas. Bom é que seja em todo benefica.

Para isso é de necessidade que todos se conjuguem em esforços activos, em boa vontade; e que todos prestem o seu concurso, tanto mais que se trata do alvejado ideal de ha bons annos: o descanso dominical ou hebdomadario, como quizerem e como pudérem.

Certo é que esta questão do descanso é primordial: pelas suas consequencias de innegavel e reconhecida vantagem, pelo seu valor moral, pela sua reconhecida vantagem civica. Porque na ordem civica deve ser tambem considerada a resultante d'uma victoria como esta que se espera do promulgamento da lei do descanso. Os Empregados no Commercio devem, sem discrepancia, olhar pelo seu proprio valor na importancia social da collectividade patria. Homens e cidadãos não devem declinar, por mal entendido valor proprio, quando lhes cumpre velar e fazer reconhecer pela intervenção devida na orientação da patria commum.

Assim como muitas vezes são pretensões ridiculas as suas ideias pessoais, assim devem olhar pela sua proveitosa ingerencia nos destinos geraes.

Homens vivendo na costumada indolencia por fraqueza ingenita devem ao contrario elevar suas aspirações e fazer manter seus direitos sempre que isso seja necessario pelo direito e pela razão.

A classe está na expectativa; não lhe censuramos a attitude.

Certo, porém, devem pensar maduramente na fórmula como lhes cumpre proceder.

E, sem desalentos mas com tenacidade, com amor, devem ser unanimes em reconhecer que á moderna ala dos trabalhadores do balcão outro caminho se abre, ao termo do qual um edificio novo ha em que todas as forças, todos os braços, todas as boas vontades teem pedra a levantar. Edificio que necessita de todos os estímulos e que a todos cumpre solidariamente prestar auxilio.

Veja-se, no lance, a obra louvavel da chamada classe operaria.

E a classe dos Empregados no Com-

mercio tem mais claro dever, porque mais larga é e será, no futuro, a sua responsabilidade.

Finalizando as linhas que de fugida ali ficam, sejam ellas o inicio de uma longa caminhada, brilhante e proveitosa que a «Luz do Caixeiro» tenha a percorrer, ao mesmo tempo que os meus parabens a quem em fervôr decidido precisa de couraça para vir á lide bem pesada e dolorosa que muitas vezes é.

Porto, fevereiro, 1907.

ALEXANDRE.

## Duas palavras

**D**os meios de propaganda levados á prática pelos caixeiros portuguezes como tentativas de reivindicção, um dos que maior vulto offerece pelos seus patentes resultados é, incontestavelmente, o exercido por via da imprensa.

Indubitavel é, tambem, que muitissimo maior seria o effeito operado se os jornaes da classe não fossem como foram durante um longo periodo, com rarrissimas excepções, mais uns toscos e porcos verraneiros do que os dignos representantes de quem reclamava o mais sagrado dos direitos!

E assim vimos e viu toda a gente que os lia, que os jornaes dos caixeiros não eram só uns inuteis apologistas das mais razoaveis concessões, mas os mais accessiveis de todos os despejadores.

De fórmula que a imprensa que deveria ser a «ancora da liberdade», como lhe chamou Castellar, estava sendo o mais perigoso entrave a essa mesma liberdade—que a classe tão merecidamente precisa e que tão pulhamente lhe negam

Confiado em que esta revista não será senão aquillo que deve ser: eu não só accetto o convite de n'ella collaborar, mas até saúdo o intelligente rapaz que a dirige, porque é um dos que se conservou longe e limpo d'essa porcaria.

Braga.

A. G.

A condição do milagre é a crudelidade da testemunha. Nunca se produziu milagre na presença d'aquelles que poderiam discutil-o ou critical-o. Não ha n'isto uma unica excepção.

RENAN.

## Orações do Amor

Passei na tua rua. Quasi morta  
Ia minha alma,—triste mocidade!  
e, n'essa hora fatal, á tua porta  
eu deixei a Anciedade.

Quiz vêr se resgatava; esta viuvez  
opprimia de dôr meu coração;  
porém, passando alli mais uma vez,  
eu deixei a Illusão.

Voltei ainda. O amor dos meus vint'annos  
obrigou-me a partir; mas n'esse dia,  
vi rirem-se de mim os desenganos,  
e eu deixei a Alegria.

Hoje, se por desgraça,  
tenho a passar por esse chão funereo,  
sinto medo e horror como quem passa  
de noite, um cemiterio!

ANTONIO FOGAÇA.

## Asylo da Escola Agrícola

INAUGUROU-SE no dia 15 do mez findo a abertura official dos trabalhos n'esta sympathica e philanthropica instituição. A escola ficou installada na quinta denominada Bom Successo, situada nos arredores d'esta villa. Nos paizes mais commerciaes do mundo as escolas e colonias agricolas de ha muito constituem um dos elementos mais valiosos para o progressivo desenvolvimento da sua riqueza economica. Em Portugal, infelizmente, estas instituições de tão grande utilidade social, limitam-se a um numero muito reduzido. Essas poucas que existem devem-se, quasi todas, á generosidade particular e á iniciativa generosa e altruista de cavalheiros que vêem, com mais humanidade do que o Estado, os grandes males que laceram a sociedade de hoje.

A comissão que dirige esta presente collectividade é composta dos seguintes cavalheiros:

Dr. Antonio Martins de Souza Lima,  
Dr. Augusto Mattos, Francisco Machado Carmona, Antonio d'Almeida Azevedo e José Claudio Pereira Balthazar.

## Esclarecendo

Os membros do corpo redactor d'esta revista, José Carvalho e Francisco Guimarães, respectivamente ex-administrador e ex-secretario da redacção do jornal d'esta localidade «A Fraternidade», abandonaram os cargos que exerciam na redacção d'aquelle trimensario, em virtude de uma discordia suscitada entre os nossos alludidos companheiros e o director d'aquelle jornal. Não é nosso intuito, ao fazer esta declaração, provocar discussão sobre os factos que originaram tal dissidencia; se, porém, não queremos discussão é necessario, todavia, declarar que «A Fraternidade» não suspendeu a publicação por motivo da saída da sua redacção dos nossos dous actuaes companheiros, visto o director do mesmo jornal affirmar peremptoriamente, que era a unica pessoa que tinha direito de alli exercer, legalmente, todos os cargos. Assim, os nossos dois companheiros citados, não tomam responsabilidade na suspensão justificada ou não justificada de «A Fraternidade» nem sobre quaesquer duvidas que appareçam no futuro e que digam respeito á administração capciosa ou correcta das importancias cobradas das assignaturas.

## Descanso semanal

Esteve entre nós no dia 22 do mez findo o sr. João José d'Almeida, delegado da Associação de Classe dos Barbeiros do Porto. Veio propositadamente a esta villa encarregado da missão especial de angariar as assignaturas dos proprietarios e officiaes das barbearias d'esta terra, para a petição que a mesma collectividade tenciona enviar ao parlamento, solicitando uma emenda ao projecto de lei sobre o descanso semanal.

Segundo cremos a emenda a que alludimos contenta as duas partes interessadas—officiaes e patrões—e assim é justo que a poderosa collectividade citada consiga a seus desejos. São esses os nossos votos.

## Considerações

**H**ONRA sobremaneira o meio em que dá inicio a publicação d'esta revista, mostrando que, n'estes tempos de corrupção e de egoismo infrene, ha sinceridade e desinteresse, ainda existe quem resista á onda desmoralisadora, susceptivel de dominar a classe dos caixeiros. Ha d'estes luctadores desinteressados, impulsionadas por uma fé inabalavel que, além de significarem a aspiração sagrada d'um Ideal, consola immenso ver que ainda ha quem honre a classe prestando-se gentilmente a collaborar n'esta revista, que tem sómente em vista concorrer para o desenvolvimento progressivo da classe e rasgar profundamente a estrada que nos leva á meta da civilização.

Ha uma força de vontade para reagir contra esta tendencia de obscurantismo de que a nossa classe tanta soffre, não obstante um consideravel numero de associações e jornaes que muito podiam instruir aquelles que frequentassem, lêssem e escutassem estes principaes elementos da vida social.

Esta phase de vida sinceramente defendida, esta evolução do pensamento e esta lucta contra a rotina e ignorancia, não envilece, nobilita os seus protagonistas; não degrada, glorifica perante a posteridade os *securos* que acalentam sentimentos tão sublimes, demonstrando e patenteando um grau de aperfeiçoamento nos costumes e um traço indelevel da comprehensão dos seus deveres e a inherente obrigação que assiste a todos de se instruirem.

Eu, que me considero o mais obscuro dos caixeiros, e muito principalmente um novo na vida jornalística, não desejo omitir opiniões sobre a utilidade da presente revista: a classe essencialmente imparcial e justa lhe fará a apreciação que entender, porque, sem duvida, ella feita por mim, poderá ser considerada menos verdadeira ou facciosa.

Para mim, superior a qualquer paixão estará o amor pela justiça e o culto pela verdade, e parece-me que todos aquelles que prezam a seriedade e apreciam a coragem e o desinteresse, não podem olhar indifferentes para esta revista, antes devem ter motivo de congratulações para esta nossa classe que a indiferença e a apathia da maioria leva a um esquecimento humilhante e a uma ruina deploravel. E' tão louvavel esta ideia e de tão alevantado altruismo que dispensa elogios e escusa referencias especiaes.

Ao terminar estas linhas cabe-me o dever de tributar o meu sincero agradecimento aos cavalheiros que a meu rogo se prestaram a collaborar n'esta revista.

A. A.



## Expediente

O corpo proprietario da presente revista, constituido por cinco membros, e cujos nomes breve serão publicados para conhecimento dos nossos estinaveis assignantes e leitores, toma inteira responsabilidade, moral e pecuniaria, respeitante a actos que se prendam com a vida d'este mensario.

— Por indicação de um dos nossos mais valiosos collaboradores, resolvemos denominar a revista «A Luz do Caixeiro» em substituição do titulo «Esthetica», como primitivamente havia sido annunciado. Por esta substituição pedimos desculpa aos nossos bons collaboradores, visto dizermos ter este titulo o jornal para o qual solicitamos o seu auxilio intellectual.

— Depois da publicação do terceiro numero d'«A Luz do Caixeiro» proceder-se-ha á cobrança do primeiro semestre.

Rogamos aos nossos assignantes a fineza de honrarem, com o seu immediato pagamento, os recibos que lhes forem dirigidos. Tambem pedimos aquelles que não nos queiram obsequiar com a sua assignatura, o favor de devolverem com urgencia, acompanhado da respectiva cinta, o exemplar que lhe fôr enviado. E' offerecido a todos os collaboradores effectivos um exemplar de cada numero d'«A Luz do Caixeiro».

— O director d'esta revista reserva o direito de negar a publicação a todos os originaes que não forem solicitados.